



## A ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DA GEOGRAFIA HISTÓRICA NO/DO SEMIÁRIDO BRASILEIRO: UMA DISCUSSÃO COMPLEXA

Francisco Leandro da Costa Soares  
Universidade Estadual do Vale do Acaraú, Sobral, Ceara, Brasil.  
[francisco.leandro.costa.soares@gmail.com](mailto:francisco.leandro.costa.soares@gmail.com)

**RESUMO** – Este artigo trata da Análise da Construção da Geografia Histórica no/do Semiárido Brasileiro, partindo de uma discussão Complexa associada à Geografia. Seu objetivo é analisar como está configurada a Construção da Geografia Histórica no/do Semiárido Brasileiro, assim, possuindo como base a ideia do Complexo aos olhos da Ciência. Os materiais e métodos foram: levantamento bibliográfico, organização e sistematização das informações e dados coletados, a utilização do princípio organizacional-sistemático e, por fim, o trabalho de gabinete, junto da escrita científica. Os resultados estão distribuídos em quadros, figuras (quando necessários, na visão do autor) e na discussão conceitual de duas temáticas principais: “O Complexo e a Ciência Geográfica: Uma Revisão” e “O Complexo e o Pensamento Geográfico no Semiárido: A Construção”. As discussões finais mostraram que a diversidade e a pluralidade constituíram a união do Complexo e da Geografia no Semiárido e, assim, no Nordeste do Brasil.

Palavras-chave: Geografia Histórica; Semiárido do Brasil; Complexo; Pensamento Geográfico.

## THE ANALYSIS OF THE CONSTRUCTION OF HISTORY GEOGRAPHY IN/FROM THE SEMIARID REGION OF BRAZILIAN (BRAZIL): A COMPLEX DISCUSSION

**ABSTRACT** – This paper examines the construction of the history of geographical thought in/from the semi-arid region of Northeast Brazil through a complex discussion intertwined with geographical science. The primary objective is to analyze how the historical construction of geographical thought in the semi-arid region of Northeast Brazilian has been configured, utilizing the concept of complexity from a scientific perspective. The methodology employed includes a comprehensive literature review, systematic organization and synthesis of collected data, application of the organizational-systematic principle, and thorough desk research coupled with academic writing. The findings are presented in the form of tables, figures (where deemed appropriate by the author), and a conceptual discussion of two main themes: The Complex and Geographical Science: A Review, and The Complex and Geographical Thought in the Semi-Arid Region: The Construction. The final discussions underscore that diversity and plurality underpin the integration of complexity and geographical science in the semi-arid region, particularly in Northeast Brazil.

Keywords: Historical Geography; Semi-Arid Region of Brazil; Complex; Geographical Thought.

### DISCUSSÕES INICIAIS

A Construção da Geografia Histórica do Semiárido Brasileiro concentra uma complexa constituição. O que seria, na percepção da Ciência e da Epistemologia da Geografia, o Complexo na sua história? De acordo com o Dicionário de Filosofia de Nicolau Abbagnano (2007), o termo pode ser compreendido como um conceito estoico, sendo constituído por proposições compostas e aplicadas por duas vezes, ou distintas, quando relacionadas por conexões únicas, ou múltiplas.

Pautado na questão norteadora deste artigo, o objetivo central que converge em analisar a configuração da Construção da Geografia Histórica do Semiárido do Brasil, tendo como base a ideia do Complexo. A partir deste objetivo, é necessário a constituição dos motivos que cativaram esta produção em três merecedores de notoriedade.

O primeiro, faz referência a relevância da discussão sobre o amadurecimento do Pensamento Geográfico no recorte regional do Semiárido, partindo das suas constituições genuinamente brasileiras.

O segundo motivo é incitar a discussão sobre a relação da Geografia Histórica da ocupação do Semiárido com a ideologia geográfica fundamentada na concepção de um pensamento geográfico sobre o recorte em análise. Esse estímulo almeja a constituição de outras produções que visem essa discussão, a sua compreensão, organização e sistematização enquanto conhecimento. A pureza aqui citada é referente a utilização e a produção de conhecimento pelas teorias e os métodos da Ciência Geográfica.

Ao analisar as temáticas-chave da Geografia (Física, ou Humana), a primeira está associada a caracterização dos aspectos físicos e ambientais, mapeamentos associando às constituições de um grande banco de dados importante no seu conhecimento e reconhecimento (Inter) nacional. Enquanto a parte humana, está diretamente ligada as questões sociais, político e econômicas. Todavia, com pouca preocupação com a produção de uma epistemologia que seja característica da região citada.

O terceiro motivo é a busca pela superação das ideias impostas como dignas da identidade que resumem a sua história e geografia ocupadas no seu território, na paisagem e o no seu espaço. Ao longo da evolução da história do Nordeste do Brasil, foi criada, pelos pensadores e intelectuais dos períodos Imperial e Republicano, uma imagem ligada à pobreza, a problemas no imaginário nacional, do banditismo, do messianismo e da fé cristã predominante. Assim, resumindo a identidade regional somente a estes aspectos. Em tempos contemporâneos, foram inseridas as paisagens litorâneas.

Todavia, mudanças ocorreram e um novo Nordeste, ainda pouco conhecido pelas atuais pesquisas, evidenciando um abundante patrimônio natural, cultural, social e paisagístico. Dessa maneira, carecendo refletir criticamente novos e atuais aspectos que de fato são o Semiárido e, portanto, do Nordeste. Tais características desprezadas e desconhecidas são o que o compõe. Assim surge o Pensamento Geográfico do Semiárido em seu Complexo delimitado como visto na Figura 1.

O Semiárido Nordestino Brasileiro é um recorte Paisagístico, Territorial e Regional diverso, dinâmico e complexo (Ab'Saber, 1992; 2003). Situado na Região político-administrativa do Nordeste do Brasil (NEB), reúne uma expressiva importância natural e humana em sua abrangência que, desde o ano de 2017, vem expandindo consideravelmente, angariando novos municípios em sua delimitação.

À medida que os estudos científicos avançam no conhecimento e no reconhecimento do Semiárido do Nordeste do Brasil, fica ainda mais evidente a necessidade de avançar e de repensar suas delimitações e abrangências. O complexo consolidado no Semiárido é uma referência ao conjunto de identidades pertinentes unicamente a sua composição interna e externa ao longo dos processos ditos históricos, geográficos e políticos.

A ocorrência destes processos e suas consequências mediadas pelos grupos dominantes favoreceram o surgimento de grupos sociais, de grupos acadêmicos, políticos, culturais, educacionais e econômicos distintos. Neste contexto, tais distinções e suas junções possibilitaram o surgimento do Complexo no Semiárido. Desta maneira, a união dos opostos formou o Complexo no/do Semiárido.

**Figura 1.** Mapa Comparativo da Área de Abrangência do Semiárido entre os anos de 2017 e 2021

Fonte: SUDENE, 2020.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Os métodos empregados, cujo propósito se direciona na aquisição de uma sequência lógica e sistematizada, na consolidação dos dados coletados, por meio dos levantamentos em sites de buscas e bancos de dados de periódicos públicos, das Universidades e instituições de pesquisas oficiais do governo federal. Diante do levantamento e a subsequente leitura do material, foi feita a organização racional-lógica das percepções direcionadas a Construção do Pensamento Geográfico do Semiárido Brasileiro.

Dada a explicação, a organização e sistematização teórica levantada e estudada, foi traçada uma sequência, não somente histórica, mas também geográfica, orientada como seu principal intuito.

## O COMPLEXO E A CIÊNCIA GEOGRÁFICA

A Ciência Geográfica não pertencia, inicialmente, ao conjunto integrante de Ciências Complexas. Todavia, de acordo com Moraes (1984), Mitchell (2009), Afonso Júnior (2013), Moreira (2006; 2015), a Geografia e sua Ciência vêm desenvolvendo estudos refinados e especializados, os quais estão cativando caminhos possíveis para aproximá-las deste conjunto unificado, contudo, composto por uma diversidade expressiva.

Um dos principais expoentes foi a inserção do pensamento de ambiente (ou ambiental) e das ramificações como a Geografia Ambiental, Geomorfologia Ambiental, Educação Ambiental e a própria ressignificação e aprofundamento das áreas com objetos de estudos delimitados e aspectos teórico-metodológico consolidados.

O surgimento do termo ambiental, possibilitou fraturas concernentes com as necessidades e os acontecimentos pertinentes do Pós 1945, desde a urbanização-industrialização descontrolada nos

países subdesenvolvidos, à expansão das áreas cultiváveis do Planeta. Esses fatos foram oportunos para a inserção de um pensamento, por ora, esquecido pela Academia Ocidental e substituída pelas concepções fragmentárias, positivistas e físico-matemático (Júnior, 2013; Moreira, 2006; 2015).

As fraturas concernentes com o apogeu das mudanças e o surgimento de relações ainda desconhecidas para os parâmetros das ciências positivistas, fragmentárias e com raciocínio físico-matemático eram predominantes na época.

Suas concepções puristas e especializadas não conseguiram explicar as modificações causadas pelo advento dos computadores, dos sistemas de satélites, do geoprocessamento, do sensoriamento remoto, no qual pouco conseguiram se ater as explicações em concordância com Morin (2003) na percepção epistemológica, Moreira (2006; 2015) na concepção teórica, Mitchell (2009) com a abordagem da complexidade sobre a Geografia e Afonso Júnior (2013) na interligação das distinções, o que leva a supor que somente a Geografia possuía aporte técnico, teórico e metodológico amparado em diversos saberes e ciências outras.

Assim, a Geografia é um conhecimento apto, fundamentado e ancorado na discussão com outros conhecimentos sem descaracterizá-los, ou descaracterizá-los ao ponto de negligenciar as falhas convictas e epistemológicas no seu caminhar da produção científica.

Durante as décadas seguintes a 1960, a discussão do Complexo e a Geografia, tornaram-se profícuas. A recuperação das bases de caráter holístico, não seguiam os mesmos moldes dos seus precursores (Alexander von Humboldt 1769-1859 e Karl Ritter 1779-1859) com visões generalistas e abrangentes sobre os aspectos físicos e humanos. Estas foram aprofundadas e reintroduzidas por novos olhares: o da Crítica e do Aporte Técnico-Científico proporcionado pelas Geotecnologias e os futuros Sistemas de Informação Geográficos (SIG) surgindo, conforme Carvalho (1999), a unificação das Ciências da Terra na perspectiva de um único objeto de construção e da pesquisa científica sob os sistemas naturais, dando lugar à uma Geografia Nova e Renovada (Morin, 2003; Moreira, 2006; Afonso Júnior, 2013).

O surgimento da Geografia Nova e Renovada, para Carvalho (1999), conseguiu romper o pensamento hegemônico da fragmentação, todavia não descaracterizando os ramos internos dessas e nem seus objetos de análise. É possível afirmar que o surgimento da compreensão ambiental e a introdução da teoria e do método geossistêmico (na Geografia Física) e a reflexão crítico social (na Geografia Humana), possibilitaram a integração das informações, organização, a subsequente sistematização dos dados na qualidade digital, a disponibilização na Internet e a construção de um novo olhar pelo do/da Geógrafo (a) no mundo e, conseqüentemente, no Brasil (Botelho, 1993; Amador, 2009).

A organização e a sistematização de dados geológicos, geomorfológicos, pedológicos, uso e ocupação de recortes espaciais e temporais pequenos, possibilitaram os destaques locais com as suas características peculiares, ou seja, os caracteres que lhes são próprios (Suertegaray; Nunes, 2001; Nascimento; Sampaio, 2005; Nunes et al, 2015).

O destaque e a valorização dos estudos de locais com níveis precisos de detalhamento e dados convictos, se configurou- como o novo caminho da Geografia e das Geociências no mundo da Informação, Comunicação e da Ciência (Suertegaray; Nunes, 2001; Nascimento; Sampaio, 2005; Nunes et al, 2015). Os autores apontam uma contradição na qual a Geografia e as demais integrantes das Geociências buscaram, mas não conseguiram romper de forma radical os princípios da especialização e das visões metódicas de origem positivista e dos recortes cartesiano-newtonianos como fizeram os primeiros (positivistas e os físico-matemáticos) com as Ciências Holísticas (Afonso Júnior, 2013).

A unificação das diferenças, a organização e a sistematização dos dados da pesquisa e, subsequentemente, da Ciência, consolidaram e firmaram a relação da Geografia e do Complexo. Essas ideias, segundo Rodrigues e Silva (2019), advogam que o complexo, na perspectiva da Geografia, diferencia-se da filosófica apresentada nos primeiros parágrafos. A diferença notada é na discussão sobre como a primeira entende o complexo como a junção relacional, integrada e

sistematizada dentro de contextos em que os seres vivos, ou não-vivos semelhantes e não-selhantes, construam e mantenham interligações, possuindo resultados como a diversidade não-harmônica e/ou harmônica (Prigogine; Stengers, 1997; Abrahão, 2009).

A filosofia, conduzida pela sua reflexão e crítica, entende o complexo como uma homogenia de atos, valores e conhecimentos reproduzíveis. Essa concepção contribui, na perspectiva de Abbagnano (2007) e Abrahão (2009), para uma redução não-cabível, pois prevê um espaço e tempo sem dinâmica, ou dinâmica reduzida, predominantemente estática e estatizada (Morin, 2003). Contrapondo-se as percepções majoritárias da dinâmica do Espaço e do Tempo, das disjunções e associações da ordem-desordem e da interação-organização no contínuo do Multiverso (Gleiser, 2006) e as reformulações necessárias com a sua descoberta e a compreensão com a Complexidade e a Geografia (Afonso Júnior, 2013).

O Complexo e a Ciência geográfica caminham em traços ora divergentes, ora convergentes. As divergências se deram por inúmeras renovações que a Geografia, em sua permeabilidade de trocas simbióticas entre contextos, saberes, conhecimentos em meio as ciências e perspectivas distintas, conseguiu a base da sua correlação no âmago da conjuntura do Complexo e da Complexidade (Gomes; Vitte, 2014).

A Geografia se dividiu e se especializou de forma holística sem descaracterizar a si, ou aos seus objetos das diversas áreas que a compõem. Assim, proporcionando uma ideia de harmonia e com a possibilidade de dinâmicas crescentes, mutáveis e convictas no ambiente com/sem interferência das atividades dos seres humanos (Gomes; Vitte, 2014).

A Geografia (campo delimitado e definido conceitualmente diante do seu campo filosófico, ideológico e epistemológico), assim como a Ciência Geográfica (arcabouço dominado pela teoria e metodologia consolidada dentro de uma teoria do conhecimento, no caso o científico e passível de ser alterado conforme os interesses e necessidade no tempo-espaço), compreendeu que a Complexidade é uma característica necessária ao seu caminho teórico e metodológico, na finalidade de entender seu objeto de estudo sem fragmentá-lo e perder a sua naturalidade tanto aos aspectos da natureza e sociais, quanto ao da gênese dos seres humanos não rompendo-os e isolando-os do ambiente e dos seus analisadores (Carvalho, 1999). A Geografia no Complexo unifica distintos e semelhantes e não os separa (Gomes; Vitte, 2014).

## O COMPLEXO E O PENSAMENTO GEOGRÁFICO NO SEMIÁRIDO

A construção da relação do Complexo e do Pensamento Geográfico no Semiárido do Nordeste Brasileiro são unidas pelas concepções naturais e sociais (Ribeiro, 1999; Schistek; Carvalho, 2005; Soares, 2023). Desde o início do processo de exploração, ocupação e ordenamento iniciado na subdivisão regional da Zona da Mata pelos interesses da cultura econômica da cana-de-açúcar e com seu declínio a partir da segunda metade do século XVII, novas áreas e elementos econômicos passam a ganhar destaque e novas instituições assumem funções de notoriedade, como expressado no Quadro 1 (Gomes, 1987; 1996).

**Quadro 1.** Comparativo da Composição Institucional entre o Semiárido e a Zona da Mata, Nordeste do Brasil.

<b>COMPOSIÇÃO INSTITUCIONAL DO/NO SEMIÁRIDO E ZONA DA MATA</b>		
<b>Características</b>	<b>Zona da Mata</b>	<b>Semiárido</b>
<b>Instituição</b>	Engenho	Fazenda
<b>Tipo de Mão de Obra</b>	Escravo	Servidão
<b>Mercado</b>	Externo	Interno
<b>Produto Principal</b>	Cana-de-açúcar	Pecuária Bovina/Algodão
<b>Local</b>	Litoral	Sertão (Regiões Interioranas)

Convívio Social	Urbano	Rural
-----------------	--------	-------

Organização: Autor, 2024.

Segundo Soares (2023), a Construção do Pensamento Geográfico do Semiárido no/do Nordeste do Brasil, possui um trinômio básico: a Fazenda, o Estado e a Igreja. Estes, por sua vez, pautados no tríduo Natureza (N), Homem (H) e Economia (E) (Andrade, 2006; 2017) dando base para os ensaios iniciais que explicavam o Nordeste por uma visão crítica e renovada. Ainda segundo Andrade (2006; 2017), adaptar e simplificar o termo da Natureza (N) ao contexto regional, possui como âmagos os constituintes naturais do clima (Semiárido) pelo fenômeno natural da Seca e das Estiagens (Ribeiro, 1999), na qual fundamentaria veementemente, o pensamento determinista no século XIX e XX sobre a pobreza e miséria estrutural, social e historicamente induzida pelo poder público e privado (Dourado; Botelho, 2015).

A concepção do Homem (H) no Semiárido, foi representada por três instituições: o Estado, a Igreja e o Povo. O Estado representado pela Coroa Portuguesa no Período Colonial (1500-1822), Imperial (1822-1889) e Republicano (1889 - aos tempos contemporâneos), tornou-se, no período inicial, uma instituição regente e importante na ocupação do primeiro ciclo econômico do Brasil. Neste, concentrou a primeira capital federal (Salvador), fundada em 1549, pelo primeiro Governador-Geral da colônia: Tomé de Souza (Schistek; Carvalho, 2005). A territorialização, proteção das terras contra as invasões externas de potências externas, o reconhecimento, a exploração e a ocupação do territorial, foram as principais colaborações a Geografia dessa região, atendendo aos interesses estatais e das elites dominantes (Botelho, 2005; Silva, 2011; Puntoni, 2017). A Geografia para identificar as riquezas nacionais.

Por outro lado, Igreja concentrou diversas atividades, nas quais conforme Staden (2007) e Soares (2023), indo desde descrição, caracterização das riquezas naturais, paisagísticas, étnicas e das ações religiosas para a expansão do Catolicismo no Novo Mundo. A expansão do Cristianismo Católico nos velhos e nos novos mundos (continentes desconhecidos, por exemplo, América, Oceania, Antártida) também, mediados principalmente pelos Jesuítas, foram responsáveis por constituir o primeiro sistema educacional de ensino no Brasil, pela unificação e concentração linguística, inicialmente, o Latim e em seguida o Português Lusitano que, com o tempo, seria abasileirado em território nacional. Somente a ser abalado no Período Republicano com a Separação entre ambas as instituições (Azevedo, 2004; Rosa, 2011; Santhirocchi, 2013; Casimiro; Bittencourt, 2014).

O terceiro componente do trinômio é o Povo, compondo as raízes e bases cruciais na construção do Pensamento Geográfico e a sua correlação com o Complexo no Semiárido. Segundo Ortiz (1994), Albuquerque Jr. (2001; 2003) e Soares (2023) afirmam, baseado nas análises das diferentes raízes culturais, étnicas, sociais, econômicas, políticas e religiosas, possibilitaram no Semiárido e, assim, no Nordeste, uma efetiva junção de diferentes aspectos citados anteriormente, cujos resultados foram um mosaico de diversidade convivendo de forma harmônica e nessas a criação e o desenvolvimento de representações “endêmicas” e pertencentes, unicamente, ao Semiárido e ao Nordeste do Brasil.

O estilo da oralidade de dialetos regionais, as comidas típicas, como o cuscuz, as roupas, a mestiçagem, o Branco pardalizado, do messianismo, da fé católica, da valorização dos saberes populares, da aproximação com o divino e da natureza, favoreceu, conforme Vasconcelos (2006), a formação da identidade regional particular e da imagem de um Brasil “velho” e clássico, em contraponto ao Brasil “novo” das regiões do Centro-Sul (Sul, Sudeste e Centro-Oeste).

Os autores, em suas perspectivas e pontos de análises, apesar de distintos, corroboram com o fato de que a formação humana, paisagística, social, histórica e econômica desigual e proporcional em termos regionais, possibilitaram a construção de uma Geografia única e com satisfatória relação com o Complexo nesse recorte de estudo. Essa superação referente a lógica da Geografia Ideográfica e regionalista (uma compreensão ampla do espaço), foi superada com

a expansão e a interiorização do ensino superior para além dos grandes centros metropolitanos (capitais estaduais) nas unidades federativas no/do Nordeste, criando uma base de conhecimento local para consolidar um todo (Global) e se adequando as constantes modificações possibilitadas pelos investimentos públicos e privados em centros dinâmicos e estratégicos, como novo caminho para uma Geografia nova e renovada (Albuquerque Jr., 2017; Holanda, 1995; Menezes, 2018).

O último da tríade é a Economia. Conforme Claval (1985) no aspecto epistemológico, Castro; Magdaleno (1996), Castro (2001), na perspectiva da construção desenvolvimentista do Semiárido Brasileiro, Campos (2014) na discussão da História do Pensamento Geográfico do Brasil, Holanda (2014) refletido a construção e a formação do Brasil, e Soares; Gomes (2024) pensando os impactos das políticas públicas educacionais e de convivência com o Semiárido nos últimos no Século XXI, afirmaram que tanto esse recorte territorial, quanto as demais sub-regiões do Nordeste tiveram um sistema econômico inicial de importância nacional e internacional como a cana-de-Açúcar (Ferlini, 1994). Contudo, com o seu declínio, a conjuntura econômica unificada é substituída nas décadas seguintes por um Nordeste oligárquico, rural e com um arquipélago econômico em seu interior.

O termo “arquipélago econômico” é uma discussão de Prado Jr. (1981), ao se referir a diversos ramos e tipologias de atividades econômicas autônomas e isoladas, sem uma organização e reconhecimento do Estado Nacional. As atividades destaques em tempos pretéritos e contemporâneos são: Pecuária Bovina, Ovino-caprinocultura, Cacau, Cana-de-açúcar, Algodão, Manufaturados, Hortifruticultura, Pesca, Turismo, Indústria e outras. Essas, posteriormente, a Era Vargas (1930-1945), foram sistematizadas e romperam as distâncias geográficas e os isolamentos.

A superação dos isolamentos com o desenvolvimento da Logística, da Indústria e das políticas sociais mediados pelo Estado, como apontado pelos autores Soares e Gomes (2024), possibilitaram uma recuperação da importância do Nordeste no cenário (Inter)nacional e uma reparação das desigualdades sociais e históricas impostas. Todavia, contribuíram ainda na superação de uma instituição básica no surgimento do Nordeste, para além dos engenhos nos litorais, as Fazendas.

Silva (1997), Neto (1997), Moraes (2003), Ribeiro (2006), Moraes, Macedo (2012) e Neves (2012) entendem que as Fazendas formam e formaram uma instituição descentralizada e ao mesmo tempo centralizadora para representar os interesses das elites nacionais agroexportadoras. Elites essas, que usavam as extensões das suas terras como lastro de sua influência na política e na economia regional, mas com expressividade nacional. As fazendas concentravam atividades de produção, dos produtos para a exportação e as próprias atividades de administração, das mão-de-obra baratas, socialmente fragilizadas e dependentes de seus donos para vender e empregar sua força de trabalho.

No Nordeste, em acordo com os estudos e levantamentos da Geomorfologia Urbana (Soares; Claudino-Sales, 2023; 2023) realizados em cidades polos do Semiárido Cearense, foi possível constatar que algumas características são compartilhadas, entre elas estão: (a) a formação próxima de corpos hídricos de médio e de grande porte, à nível do Semiárido; (b) são originadas de antigas fazendas que, com o desenvolvimento e a expansão da concentração populacional, tornarem-se vilas, e, tempos depois, cidades (Andrade, 2006; Soares, 2023). A maioria destas eram fazendas de gado, destinadas a abastecer com a carne e com o couro as manufaturas artesanais do mercado interno (Figura 2) (Cortez, 2013).

As boiadas partiam em sua maioria do Litoral e adentravam ao Sertão, partindo do ponto de origem em direção aos polos de engorda e de abate. Assim, iam para os mercados consumidores. As fazendas, com o tempo, foram expandindo e carecendo de serviços especializados, possibilitando seu dinamismo e o surgimento da malha urbana clássica do Semiárido para atender as demandas populacionais e, principalmente, das pautas econômicas.



(85,79%) alfabetizados e 6.123.989 (14,21%) não alfabetizados (Quadro 2), majoritariamente, no meio urbano. Assim, rompendo a ideia de que o Nordeste é uma região velha, pois faz parte do novo Brasil, é moderna, dinâmica e desenvolvida (Araújo, 2014).

Os efeitos conforme, o Censo (2000), demonstrava resultados positivos. O rendimento médio das famílias foi de 790, 41 reais (2000) para 1.369,51 (2010) com crescimento de 5,6%. O quantitativo de empregos formais saiu de 4.859. 397 para 8.010.839 (6,4 para 64,9% entre 2002 e 2010, respectivamente). O índice de Pessoas com Ensino Superior saiu de 6,1 para 15 % entre 2000 e 2010 (IBGE, 2010).

Os Quadros a seguir simplificam importantes discussões. O Quadro 2 confirma de maneira quantitativa os dados sobre a redução expressiva e contínua do número de alfabetizados no Nordeste, efeitos garantidos pelas políticas educacionais, sociais, econômicas e culturais.

O Quadro 3 é um esboço organizado pelos autores, com a finalidade de explicar de forma objetiva e explícita a relação entre N-H-E e as Instituições Fundantes que foram a base da Geografia Tradicional (e responsável pelas influências de outras escolas ao longo da colonização europeia, se estendendo até a república). Essa concepção é baseada nas considerações filosóficas e epistemológicas das literaturas que discutem sobre a Geografia, o Complexo e o Semiárido em terras Brasileiras. As concepções filosóficas variam entre as de cunho religioso, educacional, pedagógico e econômico. No caso da epistemologia, essa ficou a cargo das ideologias predominantes em cada momento dos pensamentos das Escolas Geográficas e das posturas assumidas pelos profissionais que compunham os interesses das Instituições (Universidades, Institutos e Escolas) direcionados a pesquisa e a consolidação das identidades e características que compunham a nacionalidade de Estado-nação jovem, como o Brasil, Alemanha, Itália, Estados Unidos e os demais países que pertenceram as potências coloniais e imperialistas nos séculos XIX e XX. Dessa maneira, o Quadro 2 busca explicar como se deu essa relação no Semiárido pela visão da Geografia e da Complexidade.

**Quadro 2.** Taxa de Alfabetização entre os Estados do Semiárido (%), IBGE Censo 2022

<b>TAXA DE ALFABETIZAÇÃO ENTRE OS ESTADOS DO NORDESTE</b>	
<b>Unidade Federativa</b>	<b>%</b>
<b>Alagoas</b>	82,34 %
<b>Bahia</b>	87,4%
<b>Ceará</b>	85,88%
<b>Paraíba</b>	84,04%
<b>Pernambuco</b>	86,59%
<b>Piauí</b>	82,77%
<b>Rio Grande do Norte</b>	86,14%
<b>Sergipe</b>	86,19%

Fonte: IBGE, 2022.

Fundamentado nos autores acima, é perceptível que erguer a epistemologia da pluralidade e as distinções como formadora do Pensamento e da Geografia do Semiárido de forma organizada e

sistematizada pela ideia do Complexo (Quadro 3). O Complexo (e a complexidade) são entendidos como a junção, ou o conjunto das heterogeneidades vivendo de forma harmônica sob um recorte de análise categórico e conceitual delimitado, como pode estar interligado com a Geografia?

**Quadro 3.** Relação entre N-H-E e as Instituições Fundantes.

RELAÇÃO ENTRE N-H-E E AS INSTITUIÇÕES FUNDANTES			
	Natureza	Homem	Economia
<b>Fazenda</b>	Conhecimento da Natureza; Compreensão de sua dinâmica; Dominação da sua Dinâmica; ↗	Filosofia do Epicuro e da Superioridade Humana;	Pecuária; Cacau; Cana-de-Açúcar; Algodão; ⇔Manufatura; Indústrias;
<b>Estado</b>	↑ Soberania Nacional, mediado pelos interesses políticos e econômicos; ⇒	⬇ Pensamento da Centralização pelo “Todo” e a descentralização pelos objetivos oligárquicos dominantes; ⬆	↶ Estado Centralizador e Provedor do desenvolvimento; ⇕
<b>Igreja</b>	↗ A Igreja Universal e Contra reformista;	↔ Filosofia Espiritual, da vida eterna e da Comunidade;	↗ Controle da Vida Espiritual e Social;
<b>Povo</b>	Pluralidade étnica; Diferenças sociais expressivas;	Cultura em mistura; Identidade Nacional; Brasil “velho” versus o Brasil “novo”;	Massas de controle dos dirigentes políticos, religiosos e econômicos.

Organização: Autor, 2024.

Essa relação é consolidada com a Geografia pelo fato de que, historicamente (dentro da História da Ciência e da Ciência Geográfica), constituiu sua base de estudos, reunindo e construindo aproximações com as diferenças e entre diferentes aspectos, dimensões e paradigmas, nos quais compunham seus interesses enquanto Ciência organizada e sistematizada na sua Teoria e Metodologia (Limberger, 2006).

Por estes motivos, a ideia de Complexo favoreceu a Geografia a sua expansão para diversas áreas, seja na sua parte física, ou na parte humana. A possibilidade de estabelecer, entender e compreender as relações heterogêneas no Semiárido é o elo principal entre a Geografia e o Complexo no Semiárido

### DISCUSSÕES FINAIS

O Complexo e a Geografia são confluências que se complementaram, ao passo que são construídos e reflexões novas surgem com a finalidade de perpassar seus limites. Ao longo do texto, foi possível perceber que a Construção da Geografia Histórica no/do Semiárido do Brasil sob a ótica do Complexo, não se distancia de outras realidades de países emergentes e de formação colonial. Saindo de meras formações fundantes da estrutura e função agrária e rural para as rápidas alterações industriais e urbanas repentinas e abruptas. Um complexo composto por diversidade em todos os aspectos e pensamentos.

A dinâmica, faz como o elo de união o aporte citado entre a Geografia e o Complexo no Semiárido do Brasil. Portanto, o Complexo e a Geografia no Semiárido são constituídos de rompimentos das diferenças e o surgimento de pluralidades únicas e multifacetadas a resistir e se adaptar as constantes e instáveis modificações políticas, econômicas, sociais e intelectuais na História e no seu conhecimento para além do simplismo do Determinismo Geográfico imposto.

### REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. Dicionário de Filosofia. 5. ed.. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revisada por Alfredo Bossi, 2007.
- ABRAHÃO, C. M. de S. Síntese e complexidade no Pensamento Geográfico. *Sociedade & Natureza*, v. 21, p. 211–225, 2009.
- AB'SÁBER, A. N. Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- AB'SABER, A. N. Os Sertões: a originalidade da terra. *Ciência Hoje*, Rio de Janeiro, volume especial Eco-Brasil: 05–14, maio, 1992.
- AFONSO JÚNIOR, M. J. Ciência, geografia e complexidade: uma inspeção de como a geografia se insere no movimento científico e epistemológico da complexidade, e vice-versa. Monografia, Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, Minas Gerais. p. 69. 2013.
- ALBUQUERQUE Jr., D. M. de. A invenção do Nordeste e outras artes. São Paulo: Cortez. 2001.
- ALBUQUERQUE Jr., D. M. de. Nordestino, uma invenção do falo, uma história do gênero masculino (Nordeste 1920 1940). Maceió: Catavento. 2003.
- ALBUQUERQUE JR, D. M. de. Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia. Cortez Editora, 2017.
- AMADOR, M. B. M. O pensamento de Edgar Morin e a Geografia da Complexidade. *Revista Científica ANAP Brasil*, v. 2, n. 2, p. 60-76, 2009.
- ANDRADE, M. C. de. O pensamento geográfico e a realidade brasileira. *Boletim Paulista de Geografia*, [S. 1.], n. 54, p. 5–28, 2017. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/index.php/boletim-paulista/article/view/1088>. Acesso em: 13 jul. 2022.
- ANDRADE, M. C. A terra e o homem no Nordeste. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- ARAÚJO, T. B. Nordeste: desenvolvimento recente e perspectivas. Caderno 19. In: GUIMARÃES, P. F.; AGUIAR, R. A. de; MARTINS, H. M.; SILVA, L. M. M. da. Um olhar territorial para o desenvolvimento: Nordeste. Rio de Janeiro: BNDES, p. 539-560, 2014.
- AZEVEDO, D. A Igreja Católica e seu papel político no Brasil. *Estudos avançados*, v. 18, p. 109–120, 2004.

- BOTELHO, T. R. Censos e construção nacional no Brasil Imperial. *Tempo social*, v. 17, p. 321-341, 2005.
- BOTELHO, C. L. A filosofia e o processo evolutivo da geografia. Biblioteca do Exército Editora, 1993.
- CARVALHO, M. B. de. Geografia e complexidade. *Scripta Nova. Revista Eletrônica de Geografia y Ciencias Sociales*, v. 3, n. 32-54, 1999.
- CASIMIRO, S.; BITTENCOURT, A. P. A relação igreja, estado e educação no Brasil: ordens religiosas no contexto Colonial, Imperial e Republicano. *Colóquio do Museu Pedagógico-ISSN 2175-5493*, v. 8, n. 1, p. 217-232, 2014.
- CAMPOS, R. R. Breve histórico do pensamento geográfico brasileiro nos séculos XIX e XX. Paco Editorial, 2014.
- CASTRO, I. E. *Natureza, Imaginário e a Reinvenção do Nordeste*. 2001.
- CASTRO, I. E.; MAGDALENO, F. S. O imaginário da pobreza e a implantação industrial no Semiárido nordestino. *Anuário do Instituto de Geociências*, v. 19, p. 21-34, 1996.
- CLAVAL, P. Causalité et Géographie. In: *Espace Géographique*, n. 2, p.109-115, 1985.
- COELHO, A.B. A cultura do Algodão e a questão da Integração entre preços internos e externos. 2002. 136f. Dissertação (Mestrado em Economia) Departamento de Economia da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- CORTEZ, A. I. P. Em torno da estrada de ferro de Baturité: a construção de um novo Ceará (1870-1926). In: FUNES, E., RIOS, K. S., CORTEZ, A. I., N., E. F. M. (orgs). *Natureza e Cultura. Capítulos de História Social*. Fortaleza: Expressão gráfica e editora, 2013.
- DOURADO, G. F.; BOTELHO, M. I. As concepções de natureza e ambiente no semiárido brasileiro: contribuições da história ambiental. *Extensão Rural*, v. 22, n. 4, p. 9-23, 2015.
- FERLINI, V. L. A. A civilização do açúcar: séculos XVI a XVIII. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- GLEISER, M. A dança do universo: dos mitos de criação ao Big-Bang. Editora Companhia das Letras, 2006.
- GOMES, R. D.; VITTE, A. C. Geografia e complexidade pelas diferenciações areais de Hartshorne. *Geosul*, v. 29, n. 57, p. 89-130, 2014.
- GOMES, P. C. da C. *As razões da Região*. Rio de Janeiro: UFRJ, Tese de Mestrado, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Geografia e Modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1996.
- HOLANDA, S. B. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOLANDA, V. C. C. Modernizações e espaços seletivos no nordeste brasileiro. *Revista de Geografia (UFPE)*, v. 31, n. 1, 2014.
- IBGE. Censo 2022: Panorama. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/indicadores.html>. Acesso em: 10 de maio de 2024.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, microdados de 2009. IBGE: Rio de Janeiro, 2010.
- JUCÁ NETO, C. R. Primórdios da Rede Urbana Cearense. *Mercator - Revista de Geografia da UFC*, v.08, n. 16, 2009.
- \_\_\_\_\_. *A Urbanização do Ceará setecentista. As vilas de Nossa Senhora da Expectação do Icó e de Santa Cruz do Aracati*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFBA, 2007.
- LIMBERGER, L. Abordagem sistêmica e complexidade na geografia. *Geografia (Londrina)*, v. 15, n. 2, p. 95-109, 2006.
- MENEZES, D. *O outro Nordeste: formação social do Nordeste*. 3.ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2018.
- MITCHELL, M. *Complexity: a guided tour*. New York: Oxford University Press, 2009.

- MORAES, A. C. R. Geografia: pequena história crítica. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1984.
- MORAES, A. C. R. O Sertão. Um “outro” geográfico. Terra Brasilis (Nova Série). Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica, n. 4-5, 2003.
- MORAIS, J. M. L.; DE MACEDO, Fernando Cezar. A formação social brasileira no espaço: o capitalismo mercantil e a conformação do Nordeste. Revista HEERA, p. 64–89, 2012.
- MOREIRA, R. Para onde vai o pensamento geográfico?: por uma epistemologia crítica. Editora Contexto, 2006.
- MOREIRA, R. O Pensamento geográfico brasileiro: as matrizes clássicas originárias. v 1. Editora Contexto, 2015.
- MORIN, E. A cabeça bem feita. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- NASCIMENTO, F.R.do; SAMPAIO, J.L.F. Geografia Física, Geossistemas e Estudos Integrados da Paisagem. Revista da Casa de Geografia de Sobral. Sobral, v.6/7, n.º 1, p. 167-179, 2004/2005.
- NETO, L. G. Trajetória econômica de uma região periférica. Estudos Avançados, v. 11, p. 37–54, 1997.
- NEVES, F. de C. O nordeste e a historiografia brasileira. Ponta de Lança: revista eletrônica de história, memória & cultura, Fortaleza, v. 5, n. 10, p. 6-24, out. 2012.
- NEVES, O. da S; JUNQUEIRA, A.A.B. O algodão no Brasil. In: NEVES, O. da S. et al. Cultura e adubação do algodoeiro. São Paulo: Instituto Brasileiro de Potassa, 1965, p. 55–116.
- NUNES, J. O. R. et al. A influência dos métodos científicos na Geografia Física. Terra Livre, v. 2, n. 27, p. 121-132, 2015.
- ORTIZ, R. Cultura Brasileira e Identidade Nacional. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- PRIGOGINE, I; STENGERS, I. A Nova Aliança/ Metamorfose da Ciência. Brasília: UNB, 1997. 247 p.
- PRADO JUNIOR, C. História Econômica do Brasil. 26. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981. 364 p. 26 v.
- PUNTONI, P. O Estado do Brasil: poder e política na Bahia colonial–1548-1700. Alameda Casa Editorial, 2017.
- RIBEIRO, R. W. Seca e determinismo: a gênese do discurso do semiárido nordestino. Anuário do Instituto de Geociências, v. 22, p. 60-91, 1999.
- RIBEIRO, D. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- RODRIGUEZ, J. M. M.; SILVA, EV da. Teoria dos Geossistemas: o legado de VB Sochava. v.1. Fundamentos Teórico-metodológicos. Fortaleza: Edições UFC, p. 176, 2019.
- ROSA, L. R. de O. A Igreja Católica Apostólica Romana e o Estado Brasileiro: estratégias de inserção política da Santa Sé no Brasil entre 1920 e 1937. (Tese, História). Franca: Universidade Estadual Paulista, 2011. Disponível em:. Acesso em 28 abr. 2024.
- SANTIROCCHI, Í. D. A Igreja e a construção do Estado no Brasil imperial. XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: CONHECIMENTO HISTÓRICO E DIÁLOGO SOCIAL. Natal, Anais [...]. 2013.
- SILVA, C. B. da. As comendas honoríficas e a construção do Estado Imperial (1822-1831). In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 2011, São Paulo. Anais [...]. São Paulo, julho 2011.
- SILVA, F. C. da T. Pecuária e formação do mercado interno no Brasil-colônia. Estudos Sociedade e Agricultura, 1997, p. 119-156.
- SOARES, F. L. da C. THE CONSTRUCTION OF THE HISTORY OF GEOGRAPHICAL THOUGHT IN/OF THE BRAZILIAN SEMIARID: A PROEMIC CONCEPTUAL DISCUSSION. International Journal Semiarid, v. 6, n. 6, 2023.
- SOARES, F. L. C. da; GOMES, F. I. B. P. SOCIO-SPATIAL DEMOCRATIZATION OF PUBLIC POLICIES IN THE SEMI-ARID NORTHEAST: THE CASE OF CISTERNAS AND THE

INTERIORIZATION OF TECHNICAL/HIGHTER EDUCATION-A GEOGRAPHIC AND EDUCATIONAL VIEW. International Journal Semiariid, v. 7, n. 7, 2024.

SOARES, F. L. C. da.; CLAUDINO-SALES, V. Geomorfologia urbana e problemas ambientais na planície fluvial do rio Poti na cidade de Crateús, Ceará. XIV SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOMORFOLOGIA (SINAGEO), Corumbá (MS), Anais [...]. 2023. Disponível em: <https://www.sinageo.org.br/2023/trabalhos/12/419-153.pdf>

SOARES, F. L. da C.; CLAUDINO-SALES, V. O uso e ocupação das planícies do rio Poti no município de Crateús, Ceará. XV ENANPEGE... Anais [...]. Campina Grande: Realize Editora, 2023. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/93906>>. Acesso em 30 de jun. 2024.

SUERTEGARAY, D. M. A.; NUNES, J. O. R. A natureza da Geografia Física na Geografia. Terra Livre, n. 17, p. 11-24, 2001.

SUPERINTENDÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE (SUDENE). Resolução N ° 107/2017, estabelece critérios técnicos e científicos para delimitação do Semiárido Brasileiro e procedimentos para revisão de sua abrangência. [S.l.]: Sudene, 2020. Disponível em: [http://sudene.gov.br/images/2017/arquivos/Resolu%C3%A7%C3%A3o107-2020-Delimita%C3%A7%C3%A3o\\_do\\_semi%C3%A1rido\\_brasileiro.pdf](http://sudene.gov.br/images/2017/arquivos/Resolu%C3%A7%C3%A3o107-2020-Delimita%C3%A7%C3%A3o_do_semi%C3%A1rido_brasileiro.pdf).

SCHISTEK, H.; CARVALHO, L. D. Formação Histórico-Geográfico do Semiárido brasileiro. Juazeiro: IRPPA, 2005.

STADEN, H. Duas viagens ao Brasil: primeiros registros sobre o Brasil. L&PM Editores, 2007.

VASCONCELOS, C. P. A construção da imagem do nordestino/sertanejo na constituição da identidade nacional. In: 2º ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA. Anais [...]. Salvador: Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. 2006.

VASCONCELLOS, M. J. E. Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência. Campinas,SP: Papirus, 2002.